

*A felicidade na produção do espaço urbano
de Palmas - TO por meio da migração*

*La felicidad en la producción del espacio urbano de
Palmas-TO através de la migración*

*Happiness in the production of urban space in Palmas city,
Tocantins, as the result of migration*

Nilva Aparecida Pacheco Bezerra
Universidade Federal do Tocantins
nilvapacheco@hotmail.com

Resumo

A felicidade, tema central desse artigo, compõe parte dos resultados obtidos durante a pesquisa de dissertação em andamento, na cidade de Palmas - TO. Nossa proposta é abordar esse tema como um conteúdo de forte alcance geográfico, pela sua presença nas relações sociais e, imaginariamente ou não, como indutora de novas formas de organização socioespacial. A escolha de Palmas como objeto de análise se deve à sua recente urbanização, que teve por base a migração. Por si só, o processo migratório condensa em seu amálgama vivências espaciais adversas e descontínuas que trazem a felicidade como bálsamo para a alma. A opção pela metodologia bachelardiana vai ao encontro do caráter subjetivo e, sobretudo, intersubjetivo da felicidade, o que nos permite buscar e compreender na sua essência a relação entre espaço e felicidade como substância fluída e descontínua.

Palavras-chave: Felicidade. Migração. Espaço Urbano. Palmas.

Resumen

La felicidad, tema central del presente artículo, compone parte de los resultados obtenidos durante la investigación de Maestría llevada a cabo en Palmas. Nuestra propuesta es abordar esse tema como un contenido de fuerte alcance geográfico por su presencia en las relaciones sociales y además, imaginariamente o no, como indutora de nuevas formas de organización socioespacial. La elección de Palmas como objeto de análisis se debe a sua reciente urbanización, la cual tuvo por base la migración. Por si solo, el proceso migratório condensa em su amalgama vivencias espaciales adversas y descontínuas, que traen la felicidad como balsamo para el alma. La opción por la metodología bachelardiana va al encuentro del carácter subjetivo y sobretudo intersubjetivo de la felicidad, lo que

nos permite buscar y comprender en sua esencia la relación entre espacio y felicidad como sustancia fluída y descontínua.

Palabras clave: Felicidad. Migración. Espacio Urbano. Palmas.

Abstract

Happiness, which is the core theme of this paper, is part of the results obtained in an ongoing research in Palmas city. The proposal is to approach this topic as a content of strong geographical scope, because of its presence in social relationships, as well as an inducer of new forms of social-spatial organization, whether these prove to be imaginary or not. The choice of Palmas as an object of analysis is due to its recent urbanization as a result of migration. The migration process itself entails adverse and discontinuous spatial experiences that bring happiness as 'balm to the soul'. The Bachelardian methodology was chosen, because it can be applied to the subjective, and especially intersubjective, character of happiness, which allows identifying and understanding the essence of the relationship between space and happiness as a fluid and discontinuous substance.

Keywords: Happiness. Migration. Urban Space. Palmas.

Introdução

*Ontem pasto
Hoje pó
Amanhã Palmas.*
(José Gomes Sobrinho)

Pelo olhar de poeta em o “Evangelho de uma cidade”, o escritor José Gomes Sobrinho, que vivia na cidade de Palmas desde a sua fundação, descreve quão significativa foi a dinâmica daqueles primeiros momentos para os habitantes da região. O poema nos inspira a procurar em meio à polifonia dos que vieram de fora – os moradores de Palmas – descortinar as imagens da cidade e compreender como a felicidade foi idealizada e construída no imaginário social dos mesmos.

Para tal, direcionamos nossa análise com base nas entrevistas orais concedidas pelos moradores da cidade de Palmas (TO)¹, fazendo uma associação simbólica das narrativas à luz da fenomenologia bachelardiana e de autores de áreas afins, com o objetivo de descortinar elementos que refletem a definição de *felicidade e bem-estar* na ciência geográfica.

Para nós, a felicidade se apresenta com um forte elemento de alcance geográfico pela frequência com que comparece no cotidiano social. Embora

¹ Todas as entrevistas presentes neste artigo compõem-se de narrativas, com base em fontes orais, realizadas durante a pesquisa de Mestrado em Geografia na UFT.

considerada subjetiva, ela interfere no dia a dia dos moradores produzindo modificações nas relações do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o ambiente. Dessa forma, a felicidade materializa-se nas relações socioespaciais e se expressa nas características econômicas, políticas, culturais e ambientais de uma cidade, Estado ou Nação.

Ao fazer uma analogia às imagens do poeta José Gomes, os entrevistados que se reportaram às suas experiências como pioneiros², nas narrativas descreveram-nas como um sonho, a princípio irreal. Osmar Casagrande³ declarou que “Palmas era uma cidade, existia de verdade, mas era irreal porque não existia nada, não havia nada”, referindo-se às ausências da cidade que brotava na vastidão do Cerrado.

Entretanto, pelo ideário discursivo do seu visionário⁴, Palmas foi conquistada e emoldurada no imaginário do migrante, que destemidamente ousou acreditar em sua materialização. Martins (2012, p. 52) atribui ao homem comum, “o novo herói da vida”, esse lado da história, que no seu cotidiano faz “o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais” e, conseqüentemente, “a força da sociedade civil [...]”.

Foi diante do contexto de desbravamento do Cerrado para fundar uma nova cidade, da busca de uma vida melhor e do sonho de felicidade, que partiu a inspiração para buscar conhecimento no senso comum e interpretar fenomenologicamente as imagens formadas na “consciência sonhadora” dos migrantes. Nesta trajetória, o apoio do filósofo da imaginação, Gaston Bachelard, funcionará como conexão entre os conteúdos da felicidade e da migração rumo ao conhecimento espacial na construção geográfica. Sua declaração de que a consciência sonhadora é a essência profunda da alma humana (BACHELARD, 2005), já posiciona o homem como produtor de espacialidade, mesmo que, na contramão possa se tornar produto do próprio espaço.

Ao adentrar os eixos que compõem essa abordagem, propomos construir uma tessitura do espaço urbano de Palmas a partir do tema central – a felicidade – no intuito de trazer elementos que nos conduzam à compreensão do contexto migratório em Palmas, por meio do processo de urbanização. Por fim, apresentar algumas definições de felicidade a fim de visualizá-la em meio a uma construção do pensar geográfico.

² Os “pioneiros” de Palmas, são os primeiros migrantes que acreditaram e trabalharam para construí-la.

³ Osmar Casagrande, morador, em entrevista concedida em Palmas no dia 26 de junho de 2012.

⁴ Refere-se ao idealizador e fundador de Palmas, Siqueira Campos.

Espera-se – enquanto migrante surpreendida e encantada pelos elementos multiformes e multicoloridos que emolduram as curvas horizontais e verticais de Palmas –, que seja possível delimitar um imaginário da cidade que traduza na essência a *felicidade* no imaginário dos seus moradores.

O processo criador: a felicidade e a cidade

O processo de urbanização esteve sempre acompanhado de estilo, de movimento, da possibilidade de ampliação das relações sociais, culturais e da qualidade de vida que, no imaginário humano, pode ser resumido em felicidade.

Lembro-me que na década de 1970, no auge do êxodo rural, meus pais foram os precursores da migração campo/cidade na localidade rural de Visconde do Rio Branco (MG). Para Santos (2008, p. 27) tratava-se de um eventual processo de ocupação do território brasileiro que se imbuía de “novas formas de produção, consumo ou de distribuição” que culminaria no ápice da atual globalização da economia e das redes sociais por todo o planeta. Arelado a isso, havia também razões “econômicas, psicológicas e sociais” que justificariam a atração do urbano sobre o humano (SANTOS, 2008, p. 37).

Com Palmas não foi diferente. A cidade surgiu em 20 de maio de 1989, num período marcado por projetos de ocupação territorial no país, sob o rótulo de última capital projetada do século XX. Segundo Silva (2010, p. 58-59), a escolha da área de localização da capital concatenava-se de certo modo em “repetir e conquistar ‘a história e os grandes feitos’ dos criadores de Brasília” e estar no “centro geográfico do país”. De acordo com Lira (2011, p. 153), o lema diminuir “as desigualdades regionais do novo Estado” integrando a “margem direita do Tocantins ao neo-desenvolvimento [...]” era a principal justificativa de construção de Palmas, que marcava um novo período na vida social, cultural e política do país.

O ideário de cidade projetada foi apropriado para alimentar a utopia migrante e forjar a construção de uma identidade para a cidade. Assim, o projeto de construção de Palmas decorreu, com base nesse processo, acompanhado de ações governamentais que se utilizaram de todos os recursos imagináveis para justificar e forjar uma identidade para a cidade e seus habitantes.

Silva (2010) em sua tese definiu Palmas como uma cidade do tempo ausente, ou seja, uma cidade sem um passado longínquo, mas com um tempo simulado por representações do porvir. Para a autora em Palmas “o urbanismo, os artefatos e a arte criam e trabalham o tempo. O moderno funde-se ao pós, e a

batalha pelos símbolos na elaboração de uma imagem da cidade é uma luta constante do poder que a engendra”.

Ao detectar as ausências do tempo em Palmas, Silva (2010, p. 60) constata um “caráter mais personalista do que coletivo ao sentido das imagens”, prevalecendo o discurso autoirônico. Sendo assim, a autora classificou as ações do criador de simulacro: “uma reprodução, que leva em conta a notoriedade do que é produzido” e, analisando os fatos pelo viés da pós-modernidade, denominou o fenômeno de *kitsch*, ou seja, uma “forte ideia de trazer o passado à tona, mas acrescentar-lhe algo de ironizador”.

Constata-se que ao longo do processo de implantação e consolidação da cidade, o seu “fundador” buscou aglutinar símbolos, fatos históricos e geográficos do país e do território tocantinense, para justificar o momento presente e forjar imagens de uma cidade rumo ao futuro. Um dos entrevistados⁵ deixou sua impressão acerca da imagem difundida e das impressões absorvidas ao longo do tempo de residência como palmense:

Eu tenho algumas ressalvas por conta da Administração e do crescimento da cidade. Foi desvirtuado um bocado de coisas. Aquela ideia de capital ecológica que foi assassinada [...]. Essa primariedade, essa coisa de querer colocar a vontade política acima da lei. É horrível e nós tivemos muito isso aqui no primeiro período [...].

Esse depoimento reforça a presença do Estado na criação das imagens que legitimaram a cidade e impulsionaram o desejo nos migrantes de permanecer na cidade. Embora, valendo-se do poder utópico para imprimir as marcas de um espaço feliz, a ausência temporal apontou a ineficiência das estratégias políticas e mostrou a realidade tal como é de fato. Segundo Mary Sônia Valadares⁶ “Ninguém planejou e ninguém veio *pra* cá com esse pensamento de que um dia o poder público se distanciaria tanto da população”.

Na verdade, os fatos exprimem o limiar de um período de reformulação das práticas e valores que descentraliza a identidade da estrutura tradicional vigente e estimula a articulação de novas práticas sociais, que a princípio apresentam um viés autônomo.

Concepções urbanas de Palmas e a migração

Com o slogan de cidade moderna, Palmas ergue-se do confronto entre o velho e o novo, o futuro e o passado, o presente e o ausente, o visionário e o

⁵ Cf. Nota 5 deste.

⁶ Mary Sônia Valadares, moradora, em entrevista concedida em Palmas no dia 18 de abril de 2012.

velho do Restelo⁷. Para Silva (2010, p. 58) a ideia de cidade moderna fez parte do discurso de implantação e, numa análise detida, descortinam-se “seguintos ‘antimodernos’ ou pós-modernos que dão à tentativa de modernização um caráter de avesso e de fissura que constitui a multiplicidade”.

Em Palmas, o pós-modernismo entra pelas fendas, o discurso da modernidade comparece como intenções de gesto do projeto, especialmente porque ser moderno e todo o corolário que vem a reboque desse conceito consiste num discurso de eficácia, entre muitos outros sentidos, eleitoreira (SILVA, 2010, p. 57).

Esse discurso moderno tornou-se a “bandeira de luta” ao longo do processo de implantação e consolidação de Palmas, simulando um cenário simbólico que projetou, no imaginário coletivo dos migrantes, a cidade dos sonhos realizáveis e a garantia de uma vida feliz e próspera.

Havia um sentimento de curiosidade muito grande. [...] no imaginário das pessoas era muito comentado naquela época, que era a última capital do milênio, a última fronteira de um novo desenvolvimento, um novo povo. Uma nova gente vai nascer nesse Estado e desse Estado. [...] Havia um sentimento muito grande de esperança, de aventura. O que nos moveu mesmo, o que nos uniu e nos conservou aqui foi um sentimento de solidariedade muito forte. Além de um sentimento de amor a terra para os nativos. [...] as pessoas de fora foram chegando e foram se incorporando ao sentimento nativo de que aqui era um novo Estado, de que aqui, neste lugar, era uma nova capital⁸.

No relato da entrevistada é perceptível como o sentimento e o desejo de ser feliz imperaram no imaginário dos pioneiros. Bachelard (1985, p. 19) explica o fato como a ação da imaginação material que “afronta a resistência e as forças do concreto, num corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, numa atitude dinâmica e transformadora” a qual opera por uma mão “instrumento da vontade de poder e da vontade de criar, mão artesã, mão trabalhadora [...]”. Neste sentido, menciono, a título de ilustração, o Brasão de Armas do Estado⁹, que traz no topo, grafado em tupi, a frase “Co Yvy Ore Retama” que significa “Esta terra é nossa”, um exemplo dessa mão ideológica que norteava o discurso imaginário de atração populacional.

Passados vinte e três anos de sua fundação, as imagens permeiam a memória dos primeiros migrantes que se fixaram na cidade, acreditando na

⁷ Personagem de Luís de Camões em “Os Lusíadas”, que se refere aos pessimistas, conservadores e reacionários que não acreditavam no sucesso das navegações portuguesas. Restelo, zona próxima ao bairro de Belém em Lisboa, era o local de onde saíam as caravelas.

⁸ Cf. Nota 8 deste.

⁹ Criado pela Lei nº 092, de 17 de novembro de 1989. Informações disponíveis em: <www.to.gov.br/brasao>.

formação da sociedade palmense: pessoas vindas do interior do Estado, de outras partes do Brasil e até de outros países.

Ao descrever as impressões da cidade que viu nascer e a qual escolheu para criar sua família, Francisco Erasmo Pereira Damasceno¹⁰ afirmou:

Hoje, depois de ter feito algumas viagens internacionais [...] você sente falta da cidade. É incrível! Principalmente, hoje que a minha família todinha é daqui [referindo-se aos filhos]. Se eu sou de coração eles são realmente da terra. Eles nasceram aqui, estão sendo criados aqui, são palmenses, não tem como. [...] *Pra vir pra cá, uma vez uma colega me perguntou: – Damasceno você já pensou em criar um Estado? E eu vi Palmas crescer, e chegar ao ponto em que está hoje, com esses prédios aí.*

O narrador descreve as imagens que definem seu momento de realização pessoal revivido no presente, após tantas situações de superação ao longo de sua trajetória na cidade. Para Candau (2012, p. 17), “a memória é, de fato, uma ‘força de identidade’”. Igualmente, outros autores observam que as ideologias que prevalecem nas ‘memórias migrantes’ jogam com as fronteiras da alteridade para produzir, pela distinção, as identidades sociais”.

Para o entrevistado, a oportunidade de ver a cidade nascer, constituir uma família e permanecer nela o tornou protagonista de uma história individual e coletiva. Importa lembrar que a migração também envolve contradições que induzem o indivíduo a vagar por inúmeros caminhos, os quais nem sempre conduzem à realização dos objetivos esperados. No caso de Palmas, muitos migrantes não resistiram às intempéries físicas da região – principalmente do clima – às ausências de recursos econômicos, políticos, culturais e estruturais da cidade, dentre outros, lembrados pelos narradores: uma migração abortada¹¹ pelo espaço/tempo.

Permanecer em algum lugar é sempre um desafio, pois o indivíduo é um estranho que se depara com um ambiente totalmente desconhecido. Em um artigo intitulado “O Retorno”, Sayad (2000, p. 12) comenta sobre as relações intrínsecas ao migrante:

A relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo estreitamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente [...]; a relação com a terra, em todas as suas formas e seus valores (a

¹⁰ Francisco Erasmo Pereira Damasceno, morador, em entrevista concedida em Palmas no dia 26 de junho de 2012.

¹¹ Nome que adotamos para a migração que não se consumou, conforme o sonho idealizado, seja pelas condições físicas do espaço, seja pelas condições econômicas que o tempo não ofereceu solução.

terra natal), inicialmente, em sua dimensão física ou geográfica e, em seguida, em suas outras qualificações sociais, o espaço físico sendo, em suma, uma metáfora espacial do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou e ao qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar. Todas essas relações se mantêm entre si e são solidárias umas com as outras, e a unidade que formam é a mesma que constitui o assim denominado ser social.

Todas essas sensações intrínsecas ao cotidiano do migrante interagem entre si transformando-o enquanto sujeito. No seu imaginário, o retorno constitui um resgate do espaço vivido, um encontro consigo e com o outro. Para Sayad (2000, p. 12) a existência de nostalgia no retorno é típica dos deslocamentos, porque se está diante “de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional e até mesmo apaixonadamente distinto”.

Uma das narradoras, migrante do antigo norte goiano para a capital Goiânia, teve que superar inúmeras contradições culturais, mas como recompensa ela pode vivenciar um retorno feliz à terra natal, como funcionária pública e com a perspectiva de ser pioneira da sua capital: Palmas.

Foi uma emoção ver criado o meu Estado, na minha própria terra. No lugar onde eu nasci, porque esse sentimento separatista foi cultivado durante séculos [...]. Dentro do próprio extremo Norte havia um regionalismo, uma separação de regiões [...]. Mas essa sensação de ver o meu próprio Estado foi uma coisa gratificante. O cansaço era intenso em Palmas, mas nós não chegávamos a sentir esse cansaço. Era como se nós tivéssemos movidos a um motor a diesel. Era uma coisa estranha dentro da gente o tanto que nós trabalhávamos com alegria, com esperança¹².

Para a maioria dos entrevistados, a esperança de recomeçar uma nova vida, de ser protagonista de uma nova história de uma cidade imaginária foi marcante. Para ilustrar esse sentimento, um dos fundadores do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) em Palmas, Carlos Vieczorek¹³, nos relatou que: “ao ver os primeiros traçados da cidade, imaginei as grandes avenidas, as construções e senti que aqui nascia uma cidade promissora”. Ele e outros companheiros acreditaram tanto no futuro da cidade que, no dia 9 de outubro de 1991 em meio ao cerrado palmense, fundaram o CTG “Nova Querência”¹⁴.

A criação do CTG é uma forma de manter viva a cultura do Rio Grande do Sul – os famosos gaúchos – nas regiões em que são migrantes. Em

¹² Cf. Nota 8 deste.

¹³ Carlos Vieczorek, fundador do CTG em Palmas, em entrevista concedida em 26 de abril de 2012.

¹⁴ Nome em homenagem à “nascente capital do Tocantins, que é lugar que chegamos e escolhemos para viver” (VIEZOREK, 1994, p. 1).

Palmas, segundo Carlos Vieczorek, a maioria, acostumada a seguir “a aventura dos nossos antepassados, resistiu e está aqui” e “não vi ninguém falando de arrependimento de ter vindo”. Mesmo assim, observa-se que “alguns voltaram por problemas familiares, porque não se aclimataram ao calor da região”, ou seja, tiveram uma migração abortada e a experiência do retorno.

Outro fluxo migratório muito presente e frequente desde a construção de Palmas foi o de pessoas da região Nordeste. Pela proximidade fronteiriça, pode-se dizer que esse grupo tem influenciado significativamente na cultura da cidade, seja por meio da culinária, seja pelas atividades culturais: na música com o forró (muito apreciado) e na dança com as quadrilhas juninas.

De acordo com o vice-presidente da quadrilha junina “Caipiras do Borocoxó”, Jarbas Pinheiro de Lemos¹⁵, o movimento junino é uma manifestação cultural que supera o Carnaval: “O Carnaval se faz em quatro dias e o movimento junino não. [...] começa em maio – entre as apresentações e competições – e termina em julho/agosto”. A festa – como expressão cultural – é uma presença marcante nos ambientes humanos, principalmente nos de migrantes, pois funciona como um bálsamo de felicidade à alma.

O contexto migratório em Palmas permite inferir que cada indivíduo, cada família, que aqui chegava, identificava-se com os fragmentos urbanos de Palmas. Em contrapartida, cada um oferecia o seu aporte cultural na busca de construir o novo em um lugar onde pudesse vivificar seus sonhos e utopias.

Espaço urbano e filigranas de felicidade

A preocupação em dar legibilidade¹⁶ à cidade, tanto por parte do poder político quanto dos novos habitantes, foi intensa. Para Lynch (1997, p. 3) essa legibilidade torna-se importante na “dimensão, tempo e complexidade” dos ambientes, como meio na geração de identidade nos indivíduos na escala urbana. Dessa forma, todos os arranjos convergem para:

Um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e reminiscências coletivas da comunicação de grupo. Uma paisagem admirável é o esqueleto sobre o qual muitas raças primitivas erigem seus mitos socialmente importantes [...]. Uma boa imagem ambiental oferece ao seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo à sua volta. Isso é o extremo oposto do medo que

¹⁵ Jarbas Pinheiro de Lemos, morador, em entrevista concedida em 04 de julho de 2012.

¹⁶ Termo usado por Lynch (1997) no sentido de dar clareza, reconhecimento e organização à paisagem urbana.

decorre da desorientação; significa que o doce sentimento da terra natal é mais forte quando não apenas esta é familiar, mas característica (LYNCH, 1997, p. 5).

As constatações de Lynch (1997) nos permite apreender que o eixo norteador das ações implantadas em Palmas visava à criação de uma estética para a cidade. A nova estética permitiu aos migrantes visualizar na cidade, imaginariamente ou não, características de uma terra de oportunidades para criar os filhos, obter um emprego, ter a casa própria, segurança para ir e vir, dentre outras presentes nos relatos dos entrevistados. No íntimo de cada cidadão, as imagens da cidade faziam brotar um sentimento de felicidade, transmutado numa mística de contentamento indescritível e um tanto familiar. Assim, narrou Jean Araújo Teixeira¹⁷:

Ver o Palácio *me lembrou* muito as construções daqueles filmes épicos. Construção das pirâmides, dos grandes templos romanos. *Me veio* aquele resgate na memória e eu fiquei muito tocado com isso e falei: – eu vou participar de novo dessa história. Não posso perder essa oportunidade. É única. Se eu tivesse perdido essa oportunidade no começo, hoje em dia outra cidade *pra* ser construída, na idade que estou, não teria passado por essa experiência. É uma oportunidade ímpar na minha vida, na minha existência.

Na verdade, a cidade foi pensada e projetada com tantos detalhes que todos se surpreendiam. Pessoalmente, pela experiência de migrante, posso dizer que, antes de chegar à cidade, minha alma já se sentia atraída. Ao conhecer Palmas, um desejo superior a qualquer ação consciente trouxe-me para este lugar a fim de experimentar as oportunidades que permeavam nos sonhos de minha infância: estudar e ser feliz. Assim, adentrei no campo da ciência geográfica e, em retribuição, procurei desvendar os caminhos da felicidade dos seus moradores.

“A cidade é encantadora”, relatou Ilda Maria Costa¹⁸, por sua localização entre a serra do Lajeado e o rio Tocantins (atual lago de Palmas), pela imponência do Palácio Araguaia, suas largas avenidas, os girassóis – instituído como flor símbolo do Estado, e depois como nome de uma das maiores praças do mundo, a Praça dos Girassóis, tanto em extensão quanto pelo número de símbolos ali identificáveis.

Palmas foi instituída em um cenário simbólico de paisagens naturais e artificiais que estimulam sinergeticamente o reencantamento humano com o lugar. Atualmente, à medida que a cidade ganha legibilidade ocorre uma sobreposição de identidades, permitindo que tais símbolos assumam, para os

¹⁷ Jean Araújo Teixeira, morador, em entrevista concedida em 17 de junho de 2012.

¹⁸ Ilda Maria Costa, moradora, em entrevista concedida em 27 de junho de 2012.

moradores, uma dimensão de ausência no tempo e no espaço. É possível que, para as futuras gerações, os atuais símbolos tornem-se obsoletos, ou sejam substituídos por outros de maior representatividade.

No primeiro contato com a cidade, a imagem de Aurea Pereira Lira¹⁹ foi:

Quando vim, a coisa mais bonita que achei foi aqueles girassóis, aquela praça era cheia de girassóis. Era o jardim mais lindo do mundo! Só tinha o Palácio e rodeado de flor. Ao redor do Palácio, aquela praça era tudo girassol plantado. Inclusive um dia eu passei, peguei uma flor, tirei a semente, levei pra minha casa lá nas ARNOS²⁰ e plantei.

A imagem descrita pela narradora passa pela contemplação estética do belo, presente na natureza em Palmas, que remete às lembranças do passado. Na afirmação de Bachelard (1993, p. 18), isso ocorre porque a “imaginação matiza as lembranças”. Acerca da funcionalidade da praça, Aurea, acrescentou que: “quando Siqueira Campos fazia as festas era tudo ali na praça. Tinha aqueles aviões, de onde desciam homens de paraquedas, tinha as esquadrilhas da fumaça que faziam aquelas letras bonitas no ar. Tudo era bonito, só que tudo era mato”²¹.

Sob um olhar diferente, Jarbas trouxe a imagem do Palácio Araguaia e os girassóis, tal como os viu nas propagandas de TV do seu Estado de origem: o Maranhão.

Foi uma visão de muita esperança, de uma terra nova, novos horizontes. Na época a gente passava do lado, não era só uma rotina na praça. Eu tive a oportunidade de quando o ônibus passou por lá, bem do lado, ver os girassóis que tinha nas fotos e nas imagens da televisão. Aí eu disse: – olha, eu acho que é aqui²².

Temporalidades e visões distintas de uma mesma imagem, mas determinantes na decisão de identidade e fixação ao lugar. Assim, emerge o centro do Poder Administrativo suavizado em meio aos girassóis, os quais em diversos momentos marcam presença nos jardins da praça e inspiram a contemplação da vida na cidade. O Palácio Araguaia localiza-se, estrategicamente, no centro da Praça dos Girassóis, na interseção de duas principais avenidas de Palmas para ser notado simbólica e visualmente de vários pontos da cidade.

¹⁹ Aurea Pereira Lira, moradora, em entrevista concedida em 17 de maio de 2012.

²⁰ Denominação inicial dada às quadras em Palmas: Área Residencial Noroeste (ARNO) (já reformulada).

²¹ Cf. Nota 21 deste.

²² Cf. Nota 17 deste.

Harvey (2011, p. 208) esclarece que o urbano reflete os ideais das “organizações sociais utópicas” presentes na “escala geográfica da vida”, orientada por uma política urbana “evada de emoções e paixões políticas profundamente sustentadas, mas com frequência subterrâneas” onde os sonhos utópicos têm um lugar particular. Além dos sonhos utópicos, citados pelo autor, Palmas suscitava e suscita no migrante e/ou nos moradores fixos, uma inspiração imaginativa extasiante que – nas palavras de Bachelard (1993) – é produto do desprendimento do passado e da realidade (real) para abrir-se ao futuro (irreal). Isso, porque a imaginação humana é capaz de “explorar alternativas socioespaciais” (HARVEY, 2011, p. 213).

Bachelard (1997) em suas análises das imagens detectou que, pela necessidade de seduzir, duas linhas distintas e complementares atuam nas forças imaginantes movidas pela alegria.

Umam encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, com o acontecimento inesperado. A imaginação que elas vivificam tem sempre uma primavera a descrever [...]. As outras forças imaginantes escavam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam a época e a história. Expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou mais brevemente, a *imaginação formal* e a *imaginação material*. (BACHELARD, 1997, p. 1).

O autor nos mostra que as imagens tomam forma na imaginação de cada indivíduo para materializarem-se no espaço. Dessa forma, a imagem é uma construção elaborada entre os cinco sentidos e os elementos da natureza, que o autor estudou profundamente. Para Bachelard (1997, p. 3), “a imagem é uma planta que necessita de terra e de céu, de substância e de forma [...]”. Muitas imagens esboçadas não devem viver porque são meros jogos formais, porque não estão realmente adaptadas à matéria que devem ornamentar”.

Geralmente, as informações transmitidas tendem a induzir uma imagem utópica dos lugares. Ao experimentar a realidade, essas imagens podem despençar-se e transmutar-se em decepção e desespero. Um exemplo foi o que aconteceu com Maria Antonieta da Conceição Neves²³:

Eu cheguei aqui e não tinha nada, a rodoviária velha era horrível, só madeirite. Eu tive vontade de trocar *os trem* tudo que eu trouxe para voltar *pra* Brasília. Foi uma sensação muito esquisita. Vinha em minha mente um espelho do lugar onde eu nasci [Imperatriz

²³ Maria Antonieta da Conceição Neves, moradora, em entrevista concedida em 29 de junho de 2012.

(MA)]. Tem só um ano que eu estou começando a gostar desse lugar.

No relato ficou evidente que o espaço engendra e dilacera utopias, fazendo emergir as ausências da cidade, conforme a concepção de cada indivíduo. Ao deparar com a cidade imaginária, a narradora usa de sua força imaginante para fazer uma retrospectiva do passado. Neste ínterim perde a identidade emocional com o lugar, bloqueia a visão do futuro e mergulha numa nostalgia que restringe o encontro com a felicidade esperada.

Por meio da experiência de um pioneiro de Palmas, pode-se verificar quão prodigiosa é a força das imagens e sua capacidade de ser multifuncional em cada ser.

Era um deserto de gente. Acostumado com uma mega cidade, era um deserto de gente. Mas, aquela coisa primária, de contato com a natureza, com a vida como ela é, não como a gente fabrica ou as pessoas fabricam. Natural. Aquela dificuldade toda, eu olhei aquilo tudo por fazer, a ótica era essa: tudo para construir. Aquilo me empolgou muito. Quando eu cheguei aqui, só tinha as avenidas abertas, no *poirão*, não tinha nada²⁴.

Para este narrador, Palmas passou uma imagem de efeito oposto. A novidade daquele momento possibilitou no instante construir o eterno, ou seja, uma topofilia (BACHELARD, 2005) com o espaço banhado de felicidade. A sensação topofílica preencheu o corpo e a mente de imagens do futuro, e a alma entregou-se ao novo, à possibilidade de ser e viver feliz na nova terra.

Felicidade e espaço: viagem pelos caminhos da felicidade

O tema felicidade, embora discutido desde a Antiguidade, tem ganhado espaço nos últimos tempos em diversos ambientes sociais. No meio formal, o tema tem seu foco no conhecimento como alicerce de um futuro feliz, enquanto no informal, manifesta-se de várias formas impulsionando sonhos de felicidade. Quanto ao meio científico, assume forma empírica nas múltiplas relações espaciais, impulsionando inúmeras experiências de pesquisadores, conforme seu objeto de estudo, apresentando resultados passíveis de comprovação, sejam eles de caráter quantitativos e/ou qualitativos.

Daniel Kahneman denominou “hedônica – o estudo científico da felicidade” (ANDREWS, 2011, p. 11). Nós, por meio da ciência geográfica, à luz da fenomenologia bachelardiana como elemento que se materializa nas relações socioespaciais, buscamos a sua ressignificação pela forte presença na existência humana.

²⁴ Cf. Nota 5 deste.

Segundo Schoch (2011, p. 15), por um longo período a felicidade esteve atrelada à crença religiosa e sob a tutela de filósofos e teólogos. Principalmente com o advento da cultura ocidental, há apenas três ou quatro séculos que a felicidade distanciou-se da “fé, da religião e da espiritualidade” e galgou novos caminhos.

Pode-se atribuir aos filósofos os passos iniciais para pensar a felicidade na sua essência. Dentre eles, Epicuro (341 a 270 a. C.) – considerado o filósofo da alegria – fundamentou seus estudos no atomismo de Demócrito e alicerçou suas práticas na ética do prazer e da dor como pilar para a conquista da felicidade.

Ullman (1996, p. 61), nas palavras de Fraile, afirma que a norma de Epicuro baseava-se na simplicidade e na utilidade e que “toda filosofia é inútil, se não serve para conseguir a felicidade”.

Como filósofo da antiga Atenas, ele pregava na praça do mercado aberto da cidade, a ágora, que a única fonte de felicidade é o prazer. (A palavra do grego antigo para prazer era *hedone*, da qual derivamos a palavra moderna “hedonista”). O prazer, por ser a chave para a felicidade, deve ser o objetivo supremo de toda ação: independentemente do que fizemos, deveríamos fazê-lo por prazer. (SCHOCH, 2011, p. 16).

O autor nos mostra que Epicuro pensou a felicidade como prática para a vida humana, como um bem precioso a ser pensado e remodelado, como resultado de uma filosofia de vida capaz de libertar a humanidade. Para ele “cada um deveria ser senhor de si mesmo, dominando as paixões, subtraindo-se a *moíra*, ou seja, os desejos” (ULLMAN, 1996, p. 112).

Na visão filosófica de felicidade, Aristóteles a concebia como fruto de nossas ações e como o exercício ativo das funções da alma, ou seja, de uma ação-pensamento formulada interiormente pelo indivíduo, com vistas ao bem supremo. Para o filósofo grego, a felicidade tem como finalidade ações ou atividades relativas aos bens internos – da alma – e, não entre os bens externos – a matéria. Uma leitura de felicidade é proposta para ser pensada.

[...] nossa definição se harmoniza com a descrição do homem feliz como alguém que ‘vive bem’ ou ‘se dá bem’, uma vez que virtualmente identificou a felicidade com uma forma de ‘viver bem’ ou ‘dar-se bem’.

[...] Algumas pessoas pensam ser a felicidade a virtude; outras, a prudência; outras, uma forma de sabedoria; outras, ainda, afirmam que são todas essas coisas, ou uma delas em combinação com o prazer, ou acompanhada do prazer na qualidade de um fator concomitante. Algumas dessas opiniões têm sido sustentadas por muitas pessoas desde a antiguidade, outras por

apenas alguns homens ilustres e, é provável, que nenhum desses grupos esteja inteiramente errado. (ARISTÓTELES, 2009, p. 52).

Resumindo o pensamento de Aristóteles, a felicidade constitui uma virtude própria do ser humano e precisa ser cultivada para se viver uma boa vida. Ao compartilhar desse mesmo pensamento, Epicuro na “Carta sobre a felicidade (a Meneceu)”, ao exortar a felicidade aos seus discípulos, reforça a necessidade de “cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la” (EPICURO, 2002, p. 23). A felicidade em Epicuro passa pela sensação de prazer, fruto da busca do bem e da justiça nas ações cotidianas. Entretanto, o prazer a que se refere não tem o mesmo significado experimentado pela sociedade moderna. Talvez soe como incompreensível para o momento presente, em que novos valores passaram a determinar as relações sociais.

Quando dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas [...] mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. [...] De todas as coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. (EPICURO, 2002, p. 44-45).

A revisitação teórica pelo pensamento filosófico é proposital enquanto busca para a apreensão do momento presente e abstração de pistas para conquistá-lo em sua essência. Nessa perspectiva, Maffesoli (1995, p. 23-24) declara que o ideal moderno marcado pelo “individualismo, a razão instrumental, a onipotência da técnica e o ‘todo econômico’ não mais suscitam a adesão” e nem funcionam “como mitos fundadores ou como metas a serem atingidas”, pois estamos no limiar de “um novo estilo de existência”. Para o autor há um “estilo em gestação” que recorre às imagens, aos mitos como condição possível de vida em sociedade.

Hall (2006, p. 58), partilhando dessa mesma concepção, afirma tratar-se de uma reordenação da identidade cultural em que os sujeitos buscam resgatar os conceitos de “‘comunidade imaginada’: as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*”.

Depreende-se que as contradições que rondam atualmente a sociedade têm relação com o processo de gestação de um “estilo estético” o qual se “estende ao conjunto da vida social”, denominado pós-moderno (MAFFESOLI, 1995, p. 53).

Assim, pois, o estilo estético, ao se tornar atento à globalidade das coisas, à reversibilidade dos diversos elementos dessa globalidade, e à conjunção do material com o imaterial, tende a favorecer um estar-junto que não busca um objetivo a ser atingido, não está voltado para o devir, mas empenha-se, simplesmente, em usufruir dos bens deste mundo, em cultivar aquilo que Michel Foucault chamava de 'cuidado de si' ou 'uso dos prazeres', em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns. No balanço cíclico dos valores sociais, assiste-se ao retorno do ideal comunitário em detrimento do ideal societário. (MAFFESOLI, 1995, p. 54).

Evidente ou não, esse ideal comunitário acontece especialmente como reflexo das sensações corporais que buscam o prazer, um hedonismo que liberte a alma, uma felicidade que possa ser compartilhada. Nesse sentido, pode-se pensar a essência de felicidade, atrelada às sensações de necessidade e desejo, muito presentes no ser humano, principalmente, no contexto migratório a ser abordado adiante.

Necessidade e desejo: o que tem de felicidade?

Após uma leitura dos conflitos socioculturais contemporâneos analisados por Maffesoli (1995), verifica-se que a evolução da sociedade em cada período histórico decorre da agregação de novos valores culturais ao cotidiano que, em sua maioria, passam pela satisfação das necessidades.

Diante das descobertas de Agnes Heller, De Masi e Toscani (2011, p. 64), todos os seres vivos têm as mesmas necessidades de sobrevivência física. Entretanto, as necessidades da espécie humana são específicas, pois “condicionam toda a dinâmica das sociedades” e, sendo algumas de caráter quantitativo, são infinitas e estimulam o exercício comparativo entre as pessoas. Compreende-se que daí nasce o desejo de ter, de superar o momento presente e/ou de estimular a competição com o outro, constituindo-se numa ação, fruto da necessidade do corpo, comumente interpretado como consumismo.

Thomas (2008, p. 67) esclarece que isso ocorre porque naturalmente somos incapazes de subsistir individualmente, sendo nossa ação “expressão de um conjunto de forças que nos rodeiam [...], de que somos uma ínfima parte”. Assim, ao mesmo tempo em que temos uma necessidade interior de liberdade, estamos sujeitos à necessidade de todo o universo e até superior à nossa, o que faz com que a necessidade interior não possa exprimir-se completamente (THOMAS, 2008, p. 67).

Diante dessa dicotomia, a alternativa é buscar o caminho do meio, dosar “nossas pulsões e nossos desejos para necessidades de gênero totalmente diferente, marcadas pela qualidade e não pela quantidade” (DE MASI; TOSCANI, 2011, p. 64).

As reflexões de Michel Mafesolli (1995) sobre a sociedade contemporânea evidenciam que, no seio da própria sociedade, surgem manifestações sensíveis na forma de uma cultura do sentimento. Essas manifestações funcionam como elementos de equilíbrio entre necessidade e desejo, quantidade e qualidade, inspiradas em protesto à ideologia racionalista instituída pela modernidade.

[...] pode-se ver em ação um conjunto de imagens que, por acréscimos sucessivos, chegam a construir uma consciência coletiva que serve de suporte, ao mesmo tempo, ao conjunto da vida social e às diversas ‘tribos’ que dela fazem parte. [...] pode-se falar em reencantamento do mundo [...]. O mistério é aquilo que se partilha com alguns e que conseqüentemente serve de cimento, reforça o sentimento de pertença e favorece uma nova relação com o ambiente social e com o ambiente natural. (MAFFESOLI, 1995, p. 17).

Neste contexto alternativo, reencantar-se com o mundo é sentir-se feliz no espaço habitado e partilhar essa felicidade no ambiente coletivo. O sociólogo acredita numa outra concepção de felicidade, aquela que valoriza a força social, pois “a felicidade individual só adquire dignidade quando alcançada no quadro da felicidade coletiva” (MAFFESOLI, 1995, p. 63).

Conclui-se que necessidade e desejo relacionam-se com a felicidade por tratar de sentimentos ligados ao corpo do indivíduo e, conseqüentemente, ao corpo social. Toda necessidade pode ser um desejo, mas nem todo desejo é uma necessidade. Quanto ao desejo, ele nem sempre pode trazer felicidade. Entretanto, qualquer necessidade e desejo poderão provocar muita felicidade no momento da conquista, e se estender por longo período até contagiar uma parcela ou mesmo toda uma sociedade.

Felicidade Interna Bruta: rumo ao reencantamento do mundo?

A proposta de discutir a felicidade em Palmas surgiu exatamente do contato com o indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB). O FIB é um indicador sistêmico de progresso Internacional com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que não mede apenas o capital econômico de um país, estado ou município, mas procura agregar valores relativos ao capital social, cultural e ambiental (V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL FIB, 2009).

Dasho Karma Ura²⁵, vice-presidente do Conselho Nacional do Butão, informou que o FIB visa “desenvolver outras áreas para que o capital econômico não domine o nosso pensar” em contraposição ao PIB que valora apenas a produção econômica desconsiderando o valor do tempo livre. Segundo o vice-presidente, se o tempo livre fosse valorado haveria um aumento de 30% da Felicidade Interna Bruta, pois o trabalho não pago – principalmente o que é feito por mulheres – tem uma importância significativa no desenvolvimento social.

O FIB, embora pouco difundido por seus aspectos subjetivos, surgiu como alternativa para criar uma consciência coletiva de que somos parte de um conjunto de valores invisíveis (ou não valorados), presentes na vida social, que sustentam a organização de uma nação. Reporto aqui às reflexões de Maffesoli (1995), quando o sociólogo fala de um ideário comunitário, muitas vezes negligenciado, mas que tem sua importância na sociabilidade de base. Em mais uma de suas contribuições para a conquista do presente, o autor afirma que: “convém devolver ao gênio coletivo suas cartas de nobreza” (MAFFESOLI, 1995, p. 23).

O FIB teve origem no Butão, pequeno país situado no Himalaia. O conceito, elaborado pelo rei butanês Jigme Singya Wanghuck no ano de 1972, busca medir a felicidade dos cidadãos como meio para mensurar seus desejos e melhorar as políticas públicas do país. Ao ser colocado em prática com o apoio do PNUD, o FIB tem chamado a atenção de vários países do mundo. Constituído de nove indicadores, o FIB sustenta que, além do desenvolvimento econômico, o cálculo da riqueza deve levar em consideração aspectos como a integração do desenvolvimento material (padrão de vida) com bem-estar psicológico, cultural, conservação do meio ambiente, educação de qualidade, saúde, uso do tempo, vitalidade comunitária e governança (V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL FIB, 2009).

O diferencial do FIB está em considerar a felicidade um bem público em virtude de ser algo desejável por todos os seres humanos. Karma Ura (2009) declara que a felicidade não deve ser confiada apenas aos dispositivos e esforços privados, porque, se o planejamento governamental se mantiver adverso à felicidade, colherá o fracasso enquanto meta coletiva. Por meio de uma política pública educacional, os governos podem criar “condições conducentes à felicidade”, valorando os esforços individuais com vistas a refletir na felicidade coletiva.

²⁵ [Informação verbal] obtida durante palestra na Conferência FIB, em Brasília, em 15 de junho de 2012.

Depreende-se que a felicidade encontra-se implícita em cada ser, e, quando partilhada nas relações sociais com a coletividade, contagia os indivíduos despertando neles a capacidade de senti-la pulsar no ambiente ao seu redor. As pesquisas apontam a importância das emoções positivas sobre as emoções negativas por terem “existência coletiva” e assumirem “vida própria, da qual as pessoas podem não ter consciência” (ANDREWS, 2011, p. 18).

A possibilidade de abordar as emoções positivas nas discussões acadêmicas lança no horizonte perspectivas de uma (re)significação da vida social, ou quem sabe, possibilidades de descobrir e oportunizar alternativas de reencantamento do mundo aos gênios de um lugar.

Felicidade e experiência: rumo a uma construção conceitual

Há mais de dois mil anos, os gregos já refletiam sobre o que constitui “a boa vida”. Segundo Schoch (2011, p. 9), “a felicidade era uma virtude cívica que exigia ser cultivada constantemente”. Atualmente, as evidências mostram que, as mutações presentes nas relações sociais pela inserção de novos valores culturais e de novas perspectivas de ver o mundo, nem sempre promovem o bem-estar coletivo. Sendo a natureza humana sustentada por interações sociais com o espaço vivido, Moreira (2006) esclarece que o contato com tais valores ocorre numa relação dialética com esse espaço.

Para Harvey (2011) vivemos o efeito de ideologias que atuam discreta e insidiosamente nas instituições (públicas e privadas) moldando o nosso contexto imaginativo. Ao utilizar o pensamento de Ernst Bloch, Harvey (2011, p. 206) diz terem manchado a imagem da possibilidade e ‘há um interesse bem claro que tem evitado que o mundo seja transformado no possível’.

Concordamos com Schoch (2011, p. 9) ao afirmar que “perdemos o contato com as antigas e ricas tradições da felicidade e perdemos a habilidade de compreender sua natureza essencialmente moral”. Diante dos fatos expressos, qual a melhor definição para a felicidade? Podemos defini-la na geografia?

Gaston Bachelard (2005), analisando a imaginação filosófica, notifica a construção de uma ideia de felicidade. Em a “Poética do Espaço”, o autor declara a existência de uma imagem poética que habita cada sujeito falante por meio de experiências simples, de uma linguagem vivida capaz de revelar que “o novo ser é o homem feliz” (BACHELARD, 2005, p. 13).

Nesse processo de busca da felicidade, a contribuição bachelardiana torna-se vital, pois potencializa a imaginação como algo inerente à natureza

humana, propondo um exame das “imagens bem simples, as imagens do *espaço feliz*”. A essa perspectiva de investigação denominou “*topofilia*”, o que significa “determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados” (BACHELARD, 2005, p. 18-19).

Numa definição de felicidade dos palmenses, Osmar Casagrande²⁶ declara:

É sonhar. É ter capacidade de sonhar. Isso é felicidade: capacidade de sonhar. Você estar sonhando, porque sem sonho como é que você vai ficar feliz com a realidade [...]. Eu tenho um poema que fala isso: “A realidade me estupra os olhos, a boca, os ouvidos”. Enquanto eu estiver elementos para sonhar eu tenho condições de ser feliz. Agora, só na realidade bruta, não dá. Por isso, a minha alta dose de felicidade.

O economista Richard Layard (2008, p. 33) descreve a felicidade como um sentimento que “ocorre continuamente durante toda a nossa vida desperta”. Entretanto, em determinados momentos, a felicidade pode ser influenciada por “lembranças de experiências passadas e antecipação de futuras”. Essa definição mostra o aspecto subjetivo da felicidade e o desafio para mensurá-la de forma objetiva como ocorre nas ciências.

Eric Weiner (2009, p. 17) trouxe a ideia de que a felicidade não pode ser medida estatisticamente, por ser “um sentimento, um estado de espírito, um humor, uma perspectiva sobre a vida”; e utilizou os resultados das pesquisas sobre a felicidade para visitar vários países e mapear quais eram e como viviam as pessoas consideradas felizes ou infelizes.

Damasceno²⁷ se considera muito feliz em Palmas, mesmo crendo que para não perder o sentido, a felicidade seja inconstante. “Ela tem que ser pontual e alternada com outras situações que possam valorizá-la. *Pra* você ter felicidade tem que ter comparação com alguma coisa, a infelicidade. Felicidade são momentos que são oferecidos a nós de tempos em tempos”.

O entrevistado aborda a felicidade na dualidade das emoções positivas e negativas, motivo de anos dedicados ao estudo do bem-estar subjetivo pelos psicólogos na busca de desvendar as causas do sofrimento humano, como a depressão, a angústia e o estresse (CARVALHO, 2010).

Em contraposição, surge a Psicologia Positiva com o intuito de compreender cientificamente os sentimentos positivos (forças) e as atividades positivas (virtudes) do ser humano (PASSARELI; SILVA, 2007). No Brasil, as

²⁶ Cf. Nota 5 deste.

²⁷ Cf. Nota 12 deste.

pesquisas em Psicologia Positiva são incipientes. Entretanto, as experiências de outros países demonstram que a felicidade resulta da satisfação com a vida e tem relação com a personalidade do indivíduo, exercendo influência na qualidade da saúde e na longevidade humana (PASSARELI; SILVA, 2007).

Vale lembrar a definição de outro entrevistado que aposta nas relações pessoais e coletivas. Para ele felicidade é “ter amigos de verdade, uma família do lado e poder fazer alguma coisa pelo outro²⁸”. Nessa mesma linha, os neurologistas passaram a se dedicar à fisiologia do cérebro para avaliar os sentimentos positivos. Isso foi possível com o apoio das técnicas computadorizadas de geração de imagens e pelo avanço da biologia molecular (KLEIN, 2005).

Além de abordar como a felicidade é produzida pelo cérebro, Klein (2005, p. 11) mostra como as “influências culturais e as circunstâncias cotidianas” interferem no processo. O propósito do autor vem ao encontro do nosso desejo de compreender a felicidade como elemento organizador do espaço geográfico. Se a cultura que recebemos e as circunstâncias vivenciadas contribuem para produzir a felicidade no indivíduo, ela também pode influenciar na qualidade de vida e bem-estar da sociedade ao longo das gerações.

A felicidade para Klein (2005, p. 13) é “um objetivo de vida e ao mesmo tempo um caminho para uma existência melhor [...] felicidade é vitalidade”. Segundo Maffesoli (1999, p. 106) quando a atenção se volta para “os pequenos fatos da vida cotidiana” estes se solidificam, constituindo o “fundamento incontornável das maneiras de ser”. Esse pensamento converge com o de Bachelard (1996, p. 7) ao afirmar que no espaço se encontra “as relações essenciais que sustentam tanto o espaço quanto o fenômeno”, pois se trata do espaço vivido.

Nesse sentido, a definição de Claudio Maranhão²⁹ ilustra a importância das relações travadas no cotidiano. Para ele, a felicidade “É viver bem, é ter uma família bacana, ter amigos, ter trabalho, ter com quem conversar, compartilhar as coisas boas, fazer um churrasquinho no final de semana com os amigos, ir dançar uma quadrilha junina ou viajar [...]. Isso *pra mim* é felicidade”. Nosso entrevistado, além de manter a felicidade individual, criou um sentimento de confiança em si e no outro, por meio da partilha coletiva, podendo ser definida como cultura da felicidade.

Sendo assim, a felicidade pode se manifestar na forma de poesia e até ganhar melodia, como ocorre nas apresentações das quadrilhas juninas em

²⁸ Cf. Nota 17 deste.

²⁹ Claudio Maranhão, morador, em entrevista concedida em 20 de junho de 2012.

Palmas citadas por Maranhão. As canções são exemplos de que a palavra poética soa aos ouvidos como receita de felicidade. Trata-se de uma “palavra vivida e sobrevivida” que, ofertada pelo outro, apresenta-se num “caminho desconhecido e indefinível” capaz de irradiar as “marcas de felicidade no outro”. Essa forma de expressão se faz presente nas narrativas migrantes nos diversos pontos do espaço e mostra o poder das palavras na manutenção da vida, da comunhão com o divino, na transmissão de saberes, de fornecer uma “visão de totalidade do Ser” (KIRINUS, 2011, p. 95-96).

E na geografia, como explicar a felicidade? Como ela se reproduz no espaço? De que maneira ela interfere nas relações espaciais? De antemão compreendo que a felicidade na geografia é a capacidade de conquistar o espaço na sua “totalidade” com o necessário à vida, tudo o que proporcione realização pessoal, social, profissional e financeira, resultante do equilíbrio entre necessidade e o desejo do Ser.

Para encerrar essa construção de felicidade, trago a definição de Ilda com intuito de resumir o objetivo maior, fecundado no seu imaginário íntimo, ter: “Paz de espírito e eu tenho [...]. Eu tenho a satisfação de estar bem³⁰”.

Nossa trajetória para definir felicidade esclarece sua forte dimensão cultural. Eivada de símbolos impregnados na identidade das pessoas que povoam uma cidade, uma região ou país, a felicidade torna-se algo impossível de ser abordado nos recenseamentos, o que compete à geografia explicá-los. Claval (1999, p. 82) declara que “a experiência que as pessoas têm do mundo repousa sobre seus corpos e sobre a maneira como elas o concebem e utilizam”.

Portanto, essas experiências, vivificadas nas imagens construídas na memória pelos indivíduos, condensam sentimentos positivos e/ou negativos que, introjetados nos corpos, manifestam-se em sensações de felicidade ou de resistência ao espaço habitado. Entre tantas adversidades encontradas e vividas pela migração, a felicidade em Palmas se traduz na qualidade de vida que o espaço ofereceu aos moradores/migrantes para viver e construir seus sonhos. Para muitas pessoas, a sensação de bem estar é maior à que o local de origem lhes proporcionava. Principalmente, para os pioneiros, a sensação de felicidade, do dever cumprido, de ser protagonista da vida na/da cidade é uma realização pessoal indescritível, pois a cidade deixou de ser sonho e tornou-se real.

Conclusão

A abordagem dada ao tema felicidade implícita no espaço urbano em Palmas por meio da migração compõe parte dos primeiros resultados da

³⁰ Cf. Nota 20 deste.

pesquisa de dissertação em andamento. As narrativas dos depoentes mostraram que a felicidade foi a mola propulsora na identificação com a cidade. Esse sentimento funcionou como um bálsamo no imaginário, amenizando as ausências da cidade, ainda irreal, que eles sonhavam e queriam ver construída.

A opção pela fenomenologia bachelardiana vai ao encontro da concepção de que a felicidade pode ser explicada em seu aspecto subjetivo e, sobretudo, intersubjetivo. Assim, à medida que a felicidade – uma substância fluída e descontínua – hidrata o imaginário do ser na sua relação com o espaço, materializa-se na criação de lugares, modificação de paisagens e geração de territórios. Dessa forma, estamos diante de um assunto que não se esgotará nessas ínfimas linhas, pois nossa proposta é fomentar novas reflexões e novas análises para as ciências humanas, principalmente, para a geografia.

Todavia, por tratar-se de um espaço organizado pelo homem, entender a cidade pelo prisma das imagens formuladas na concepção dos moradores, de antemão, nos permite fazer uma leitura do espaço geográfico. Acreditamos que os questionamentos tecidos à luz do tema felicidade apresentam-se como uma perspectiva importante e necessária para compreender o momento da vida social e política do país, do Tocantins e dos palmenses. Essa afirmativa vai ao encontro do pensamento de Claval (2011) de que o sentimento desperto no encontro com os lugares possibilita descobrir o exótico, o pitoresco e outras culturas.

No processo de busca pela felicidade e pelo bem-estar do migrante, as palavras do autor tornam-se reais e provocadoras. Essa provocação caminha em direção às imagens, ocultas no cotidiano palmense, que clamam pelo seu descortinar, a fim de revelar experiências que superam a compreensão oficial da história da última capital projetada do século XX.

Referências

ANDREWS, Susan. *A ciência de ser feliz*. São Paulo: Ágora, 2011.

ARISTÓTELES. *Ética anicômaco*. 3. ed. Bauru, SP: Edipro, 2009.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985. p. 5- 31.

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 7-15.

_____. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 1-20.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Marcos Bacellar de. *A felicidade na agenda da administração e suas relações com conceitos organizacionais*. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Empresariais, Belo Horizonte, 2010.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAH, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 57-97.

CLAVAL, Paul. *Epistemologia da geografia*. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 221-252.

DE MASI, Domenico; TOSCANI, Oliviero. *A felicidade*. São Paulo: Globo, 2011.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade: a Meneceu*. São Paulo: UNESP, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. *Espaços de Esperança*. 4. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2011. p. 181-238.

KIRINUS, Glória. *Synthomas de poesia na infância*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

KLEIN, Stefan. *A fórmula da felicidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

LAYARD, Richard. *Felicidade: lições de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

LINCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LIRA, Eliseu Ribeiro. *A gênese de Palmas: a geopolítica de (re) ocupação territorial na Amazônia Legal*. Goiânia: Kelps, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995.

_____. *No fundo das aparências*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 67-122.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2008.

PASSARELI, Paola Moura; SILVA, José Aparecido da. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, out./dez., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a10.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2012.

SANTOS, Milton. *Manual de geografia urbana*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*. São Paulo, v.13, p. 5-32, jan. 2000. (Edição Especial).

SCHOCH, Richard. *A história da (in)felicidade: três mil anos de busca por uma vida melhor*. Rio de Janeiro, RJ: Best Seller, 2011.

SILVA, V. C. P. da. *Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=128>. Acesso em: 17 jul. 2011. 294 p.

SOBRINHO, José Gomes. *Fio de prumo*. Palmas, TO: Anis, 2003. 108p.

THOMASS, Balthasar. *Felicidade e filosofia: ser feliz com Espinosa*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

TOCANTINS. *Brasão de Armas*. Disponível em: <[www.http://to.gov.br/brasao/743](http://to.gov.br/brasao/743)>. Acesso em: 05 jul. 2012.

ULLMAN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 2 ed. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

URA, Dasho Karma. Felicidade interna bruta. In: V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL FELICIDADE INTERNA BRUTA. *Origem do FIB*. Foz do Iguaçu, PR: Instituto Visão Futuro, 2009. Disponível em: <<http://www.visaofuturo.org.br/pdfs2/felicidade%20Interna%20Bruta%20-%20Dasho%20Karma%20Ura.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

_____. *Novos paradigmas econômicos*. Brasília, 2012. Palestra promovida pelo Instituto Visão Futuro e Fundação Banco do Brasil em 15 de jun. 2012.

V CONFERENCIA INTERNACIONAL FELICIDADE INTERNA BRUTA. Foz do Iguaçu, PR, 2009. *FIB na teoria...* Foz do Iguaçu, PR: Instituto Visão Futuro, 2009. Disponível em: <www.felicidadeinternabruta.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2010.

VIECZOREK, Carlos. Chasque. *Querências*, Palmas, TO, v. 1, n. 1, p. 1, jul. 1994.

WEINER, Eric. *Geografia da felicidade: uma viagem por quatro continentes para descobrir os segredos da alegria de viver*. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 2009.

Nilva Aparecida Pacheco Bezerra

Geógrafa, Pós-Graduada em Comunicação, Sociedade e Meio Ambiente, Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, a quem agradece pelo apoio e fomento a esta pesquisa. O artigo faz parte de pesquisa de mestrado orientada pela professora Dr. Valéria Cristina Pereira da Silva.

Recebido para publicação em janeiro de 2013
Aprovado para publicação em maio de 2013